

GILBERTO FREYRE E A GERAÇÃO DE 45

Manuel Correia de Andrade

1 – UM ENCONTRO FELIZ

Foi em 1944 que se deu um encontro de grande importância para a cultura e a política do Brasil, o de Gilberto Freyre com a geração de estudantes de Direito, da Faculdade do Recife. Viviam-se, então, momentos difíceis para a nacionalidade, quando o Brasil estava submetido a um governo ditatorial que reprimia a liberdade de pensamento, as manifestações democráticas e se mantinha indeciso entre o apoio ao Eixo ou aos Aliados, na Segunda Guerra Mundial. Na verdade, Getúlio Vargas, com grande habilidade política, se apossara do poder em 1930 e, tomando atitudes contraditórias, ora pendia para posições democráticas, ora para posições totalitárias, simpáticas ao corporativismo que inspirava o fascismo e o nazismo, então em ascensão na Europa. Aproveitando-se da revolta de 1935, o então Presidente, eleito um ano antes pela Assembléia Constituinte, obteve, de um Congresso amedrontado e sem coragem cívica, uma série de leis de exceção e, em 1937, deu o Golpe de Estado de 10 de novembro, instituindo o Estado Novo que duraria até 1945. E sua queda, em 1945, foi consequência tanto da resistência interna como da vitória Aliada na Segunda Guerra Mundial.

O encontro de Gilberto Freyre, o competente sociólogo, intérprete da sociedade brasileira, com os estudantes de Direito teria a maior importância porque iria estimular a luta que estes travavam contra a ditadura, pela redemocratização do país; ele seria não só o líder que lhes deu orientação política como também uma espécie de companheiro mais velho, nos embates travados pela juventude estudantil contra os poderes impostos à Nação. Para se compreender bem a comunhão, então realizada, torna-se necessário analisar a composição social e as aspirações políticas dessa mocidade estudantil e a figura de Gilberto Freyre, em

plena maturidade, como cientista social e como político. O que os estudantes levavam para o futuro Constituinte e o que o sociólogo trazia, em troca, para aquela geração de estudantes.

2 – O QUE ERA E O QUE REPRESENTAVA A GERAÇÃO DE 45

A expressão “geração de 45” generalizou-se para designar os grupos que emergiram na década dos quarenta, atuando em vários setores culturais do país; em Pernambuco ela se liga intimamente àqueles que, naquele período, como estudantes de cursos superiores, participaram do movimento, da luta contra o Estado Novo e contra o pensamento direitista. Pensamento direitista então muito difundido e consolidado, em face da doutrinação feita pela Ação Integralista Brasileira, à simpatia de grandes setores da burguesia brasileira pela Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, e ao poder de cooptação do Estado Novo que resultara da outorga de uma Constituição corporativista ao Brasil.

Os estudantes de Direito que iniciariam no Recife a mais forte campanha contra o Estado Novo e que receberiam Gilberto Freyre como o seu líder, eram, em sua grande maioria, jovens oriundos das classes média alta, estudantes profissionais, quase todos. Poucos eram os jovens na Faculdade que não dispunham de recursos para custear os próprios estudos e que trabalhavam para a sua manutenção. Dispunham assim de bastante tempo e lazer para discutir os problemas políticos, que atraíam a uma minoria atuante, vivendo em um regime ditatorial e temendo sempre a ação da repressão policial, muito ativa em Pernambuco sob a interventoria de Agamenon Magalhães; os grupos que não haviam sido cooptados pelo Estado Novo faziam reuniões secretas em que debatiam problemas políticos e filosóficos e se posicionavam contra o Eixo na guerra européia. A oposição ao Eixo representava uma forma de oposição ao Estado Novo, sem que o mesmo pudesse reprimir, de vez que, com o desenrolar da guerra, o Brasil ia sendo pressionado pelos Estados Unidos a tomar uma posição favorável aos aliados. Daí as primeiras manifestações estudantis terem se realizado em 1942, quando grupos de várias faculdades promoveram uma homenagem ao General Demerval Peixoto, comandante da 1ª Brigada de Infantaria e representante do grupo militar americanófilo. O Governo do Estado pressionou discretamente o grupo mas não realizou atos de prisão contra os participantes.

Com o desenrolar da guerra e o apoio mais ostensivo de chefes militares, passaram os estudantes a realizar solenidades na Faculdade de Direito e até em praça pública, comemorando vitórias aliadas e reclamando medidas contra os cidadãos italianos e alemães residentes no Recife — naturalmente simpáticos ao Eixo — e a reivindicar a entrada do Brasil no conflito europeu. Reivindicação que se acentuou após a ação de submarinos alemães torpedeando navios brasileiros em nossas costas. Nestas manifestações de rua os estudantes sentiram que contavam com apoio de setores da classe média, embora o apoio operário, muito desejado, fosse discreto, devido ao “getulismo” do operariado e à filiação do mesmo a sindicatos controlados pelo Ministério do Trabalho.

Na Faculdade de Direito observavam-se várias tendências; havia um grande grupo de indiferentes que procuravam apenas obter o diploma e habilitação

profissional ou grupos que apoiavam o governo, ou por interesses pessoais ou por convicções políticas, e um grupo que o combatia, formado por pessoas ligadas às várias orientações políticas. Dentre estes salientavam-se os que pugnavam apenas pela volta ao sistema democrático tradicional, com eleições presidenciais e governamentais e com o funcionamento do Congresso, que poderíamos chamar de liberais-democratas, ao lado do grupo preocupado com reformas sociais, compreendendo uma ala mais moderada, social-democrata, e outra mais radical, formada por socialistas e comunistas. Isto em um momento histórico em que o velho Partido Comunista, fundado em 1922, seguia uma linha rigorosamente stalinista. Todos estes grupos porém se uniram, apesar das divergências internas, na luta contra o Estado Novo.

Sabia-se no entanto da fragilidade desta união, e um grupo esquerdista organizou a União Popular Socialista¹ que congregava estudantes, professores e intelectuais em geral, com o fim de fundar um partido que pugnassem pelo socialismo democrático. Mas a anistia e a organização legalizada do PCB, faziam desaparecer este partido em gestação, de vez que Gregório Bezerra veio ao Recife convidar quem fosse realmente "comunista" a participar do partido, deixando os socialistas em outros setores. Estes se organizaram na Esquerda Democrática, integrada à UDN. Os grupos liberais facilmente se aglutinaram em torno da União Democrática Nacional (UDN), liderada por Otávio Mangabeira, no plano nacional, e apoiada em Pernambuco por políticos que fizeram a Revolução de 30, como Lima Cavalcanti e João Cleofas, ou representantes dos velhos perrepitistas depositos em Trinta, como Joaquim Bandeira. Empresários do açúcar também apoiaram a nova organização política, como Costa Azevedo, da Usina Catende, então a maior do Estado, e Alde Sampaio. O setor militar, que procurava ligar o movimento aos quartéis, era liderado pelo então major Juraci Magalhães.

Com o apoio externo os estudantes se tornaram mais agressivos, obtiveram o apoio da imprensa, sobretudo do *Diário de Pernambuco*, então dirigido por Aníbal Fernandes, e em seguida, do *Jornal Pequeno*, e passaram a dar uma maior dimensão às suas manifestações e a fazer uma escalada que punha em choque o Interventor Federal Agamenon Magalhães e seu Secretário de Segurança, depois também Interventor, Etelvino Lins. Gilberto Freyre, que vinha se opondo discretamente ao Estado Novo, no âmbito federal, e ostensivamente a Agamenon Magalhães, no estadual, apareceria em 1944 como a figura que aglutinaria e lideraria o movimento estudantil, então já espalhado por outras faculdades, e que daria unidade ao mesmo em suas reivindicações e aspirações, diante do momento histórico então vivido.

3 — COMO GILBERTO FREYRE APROXIMOU-SE E LIDEROU A GERAÇÃO DE 45

Os estudantes, organizados, mantinham contactos permanentes com lideranças políticas e econômicas, visando a derrubada do governo, mas careciam de uma liderança que melhor se identificasse com eles e os representasse de forma mais autêntica e encontraram esta liderança em Gilberto Freyre. Mas de que armas dispunha o sociólogo de Apipucos para poder aglutinar as várias tendên-

cias existentes entre os jovens da década dos Quarenta? O seu brilho intelectual e sua identificação com os problemas e com a problemática brasileira e nordestina eram, seguramente, essas armas. Gilberto já era, então, o consagrado autor de *Casa-Grande & Senzala*, livro que dera início a uma grande transformação na análise da sociedade brasileira e na renovação dos estudos sociais; era também o autor de *Nordeste*, livro em que caracterizava bem a região nordestina, demonstrando a existência de vários nordestes e não de uma única região, fazendo contrastar as diferenças existentes entre a Mata Úmida e o Sertão semi-árido. Era também um precursor dos estudos de Ecologia, no País.

Mas Gilberto não era apenas o cientista, era também o político — embora não ligado a partidos — e o homem de ação. Assim, em 1926, ele organizou no Recife, com o apoio de Moraes Coutinho e de Odilon Nestor, um Congresso Regionalista onde tentou conciliar as mudanças com as tradições, valorizando o modo de vida nordestino em sua totalidade — relações sociais, costumes alimentares, vestimenta, habitação, etc — com o pensamento moderno dominante na Europa, procurando demonstrar que a tradição que emerge do passado pode ser preservada e cultivada sem atropelar o moderno, que representa o futuro.²

Em sua participação no governo Estácio Coimbra, como secretário particular e como diretor do jornal oficioso *A Província*, ele desenvolveu modos de relacionamento e de valorização de pessoas e hábitos diversos dos seus antecessores, e pôde captar o apoio de numerosos intelectuais como Sylvio Rabello, Olívio Montenegro, José Lins do Rego, José Maria Belo e estimular artistas plásticos, como Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, no sentido de desenvolverem uma produção literária e artística mais comprometida com o Nordeste. Apoiou a reforma de ensino em que se engajaram homens como Carneiro Leão e Ulysses Pernambucano, sendo professor de Sociologia na Escola Normal. Era um homem voltado, a um só tempo, para o passado, para o presente e para o futuro. Com a Revolução de 30 Gilberto Freyre acompanhou Estácio Coimbra “na aventura do exílio”, voltando à Europa e aos Estados Unidos, aproveitando a oportunidade para fazer uma reciclagem de conhecimentos e um aprofundamento da análise do processo histórico-social brasileiro.

Em seu regresso não descansou; já em 1934, apesar de marginalizado politicamente, organizava no Recife o 1º Congresso Afro-Brasileiro em que reuniu escritores, cientistas sociais, estudantes, negras quituteiras, babalorixás, presidentes de clubes carnavalescos, etc., a fim de desenvolver uma maior integração nos estudos afro-brasileiros. Com isso ele liberava os estudiosos dos preconceitos contra os contactos com o povo e os libertava da formação inteiramente livresca, em sua maior parte importada da Europa e dos Estados Unidos. Desmitificava e desalienava assim o processo de investigação e de produção científica. Naturalmente que em uma sociedade tradicionalista e preconceituosa como a pernambucana da década de Trinta, esta confraternização, no Teatro Santa Izabel, em que se começaram quitutes populares, se ouviu músicas populares e se trocou idéias com o povo, o encontro foi um escândalo,³ mas contribuiu para diminuir o preconceito dos estudiosos e das camadas mais esclarecidas contra as origens africanas que até então se procurava esquecer e esconder. Este fato levou os críticos de Gilberto Freyre a considerá-lo como um intelectual dissoluto e preocupado com coisas vulgares, até como comunista ou criptocomunista.

Esta acusação foi freqüente nos fins dos anos Trinta e no início da década de Quarenta, não fugindo a ela nem o grande crítico literário e cientista social, Tristão de Ataíde,⁴ que quarenta anos depois se tornaria um dos maiores críticos do autoritarismo e da ditadura, mas que, naquela época, namorava o fascismo e a reação direitista. Desta campanha participaria também a partir de 1936, uma revista publicada em tablóide, no Recife, sob a direção de Manuel Lubambo, que, com o golpe de 1937, seria nomeado Secretário da Fazenda do Interventor Agamenon Magalhães. A revista *Fronteras* tinha um corpo seleto de direitistas orgânicos, entre os seus redatores, e foi impiedosa na crítica tanto a Gilberto Freyre como aos que o apoiavam ou seguiam a sua orientação, seguindo-se ataques cerrados a escritores e artistas ligados a ele. Estêvão Pinto chegou a ser criticado fortemente porque recomendara a leitura de *Casa-Grande & Senzala* a suas alunas da Escola Normal e, segundo o articulista de *Fronteras*, este livro era imoral, além de condenado politicamente.

Na verdade, *Fronteras* representava um grupo de intelectuais de direita, alguns ligados ao Integralismo e outros a uma corrente católica conservadora, dirigida e orientada por um jesuíta hindu, o Padre Fernandes, que dirigia a Congregação Mariana, sediada no Colégio Nóbrega.⁵ E o pensamento de direita, com infiltração tanto nos meios intelectuais como no meio operário, deve muito a este padre hindu que não se satisfazia apenas em combater os comunistas e esquerdistas não-católicos, mas também os católicos que recebiam a influência de Jacques Maritain.

Em 1935, quando Getúlio organizava o Golpe de Estado contra a Constituição que promulgara em 1934, ao propor, a um congresso acovardado, o projeto de Lei de Segurança Nacional, Gilberto Freyre foi um dos escritores brasileiros que assinaram manifesto contra o mesmo.⁶ Fato que o comprometia, aos olhos da reação, como ligado aos comunistas que seriam as primeiras vítimas do famigerado Golpe.

Com o Estado Novo foi deposto o Governador Lima Cavalcanti, que não apoiara as pretensões getulistas, e substituído por Agamenon Magalhães, homem de decisões rápidas, fortes e profundamente comprometido com uma ideologia corporativista. Acreditando no Estado Novo e na sua permanência e chegando a Pernambuco que ainda se achava traumatizado com os fatos de 1935 — a chamada Intentona Comunista —, passou a fazer uma perseguição sem tréguas a todas as pessoas comprometidas com posições liberais e socialistas.⁷ Muitos pernambucanos ilustres, como os irmãos Alcedo e Nelson Coutinho, tiveram que migrar para o Rio de Janeiro, e numerosos políticos e intelectuais foram aprisionados e sofreram coações as mais diversas. O próprio Gilberto Freyre e seu pai, o Professor Alfredo Freyre, da Faculdade de Direito do Recife, foram feitos prisioneiros e sofreram violências por reagirem à prisão. Embora Gilberto, em nível federal mantivesse relações amistosas, não de adesão, com o Governo, sobretudo com o grupo ligado a Gustavo Capanema, tendo exercido uma missão cultural oficial no Prata,⁸ mantinha em Pernambuco uma linha de oposição a Agamenon.

Para os jovens estudantes da Faculdade de Direito, de 45, Gilberto Freyre era a pessoa destinada a exercer a liderança do movimento que executavam. Ele representava uma posição democrática e aberta às várias tendências políticas

que dominavam no grupo; demonstrara, em ocasiões diversas, coragem pessoal e coragem cívica ao enfrentar os agentes da ditadura e tinha uma projeção intelectual que ultrapassava as fronteiras do País, o que dava maior repercussão aos seus pronunciamentos. Tinha, também uma grande facilidade de comunicação e de convivência com os jovens, ouvia com paciência, discutia as suas posturas e agia pelo convencimento, nunca usando argumentos de autoridade. Tudo isto levou os estudantes a considerá-lo o seu candidato natural à representação de Pernambuco na Câmara dos Deputados, embora as tendências entre aqueles fossem em grande parte díspares.

4 – O ENCONTRO E A CAMINHADA

O encontro histórico se deu na ocasião em que o Diretório Acadêmico comemorava a libertação de Paris, com a expulsão dos nazistas da "Cidade Luz". Organizara-se, no salão nobre da Faculdade, uma solenidade em que vários oradores se pronunciaram sobre o fato, quando, em meio à solenidade, Gilberto Freyre chegou acompanhado de alguns líderes estudantis. Os grupos ligados ao Estado Novo, aos gritos de "Fora Gilberto Freyre", tentaram expulsá-lo do recinto, mas o grupo democrático reagiu gritando "Fala Gilberto Freyre", formando um cordão de isolamento em torno do mesmo.

A reação acadêmica contra Gilberto usava como pretexto o prefácio que ele escrevera para o livro de Odilon Nestor, professor de Direito Internacional Público, intitulado *Atenas, Roma e Jesus*, onde Gilberto historiava a tradição da Faculdade e a estagnação em que ela se encontrava, dizendo-a morta. Gilberto, porém, no seu discurso de improviso, feito no calor da disputa, afirmou que não era a Faculdade de Direito que estava morta, mas que ela estava adormecida e naquele momento acordava para reviver as glórias de suas tradições. Com isto ele conquistou a maioria absoluta dos estudantes e passou a participar dos eventos que se sucediam à proporção que o Estado Novo se debilitava e que também aumentava a pressão policial.

A 3 de março de 1945, porém, aconteceria o fato mais grave na luta contra a ditadura. Realizou-se um comício em que os oradores falaram das sacadas da Faculdade e, em seguida, acompanhados pelo povo, fizeram uma passeata pelas ruas do Hospício, Imperatriz e Nova, desembocando na Praça da Independência, em frente ao *Diário de Pernambuco*, onde o comício continuaria. Havia aí uma emboscada de policiais e líderes sindicais, ligados ao governo, que, no meio dos discursos, saíram a atirar contra os manifestantes provocando numerosos ferimentos e duas mortes, as do estudante Demócrito de Souza Filho e do carvoeiro Manuel Elias dos Santos. Gilberto Freyre, um dos oradores do comício, se encontrava ao lado de Demócrito, na sacada do *Diário de Pernambuco* e era, certamente, uma das pessoas visadas pelos policiais.

O crime revoltou a Faculdade, fazendo com que a sua Congregação, por unanimidade, protestasse contra a ação policial do Interventor e que os professores que ocupavam cargos de confiança do governo renunciassem aos mesmos. O sepultamento de Demócrito foi acompanhado pela Congregação, com os professores vestidos de beca e tendo à frente o estandarte centenário da Faculdade,

contando também com a participação de estudantes e populares. A partir daí a Faculdade passou a ser vigiada permanentemente pela polícia, o *Diário de Pernambuco* foi proibido de circular e os estudantes passaram a publicar um pequeno jornal mimeografado — “O Cupim” — de circulação interna. Nele foram publicados os discursos pronunciados no sepultamento de Demócrito.

Os promotores dos distúrbios de 3 de março não previam as conseqüências do mesmo, de vez que as mortes ocorridas provocaram uma indignação geral em todo o País e fortaleceram o movimento democrático. A 15 de abril de 1945, quando o *Diário de Pernambuco* voltou a circular, publicou uma longa entrevista com Gilberto Freyre que se intitulava “Estamos empenhados, todos, numa campanha que é maior que a da Abolição” em que historiava o movimento democrático que se desenrolava, tendo como centro a Faculdade de Direito, e as ameaças que os estudantes vinham sofrendo por parte da polícia política. Lembrava até que um grupo de estudantes havia sido agredido pela polícia em frente ao *Diário*, nas vésperas do acontecimento, e que dentre estes estudantes se encontrava Demócrito o herói-vítima de 3 de março.

Em seus estertores a ditadura procurou contra-atacar e encaminhou ao Tribunal de Segurança Nacional, que condenara, desde 1935, numerosos democratas brasileiros às penas mais esdrúxulas, uma denúncia contra as lideranças da oposição pernambucana solicitando a aplicação de penas que variavam de um a seis anos. Eram denunciados no processo em tela o escritor Gilberto Freyre, o médico e professor Geraldo de Andrade, o juiz João Tavares da Silva, o jurista Nehemias Gueiros, o médico Miguel Archanjo Vieira, o advogado Luís Cristóvam dos Santos, o senhor Hildebrando Padilha de Oliveira e os estudantes Manuel Correia de Oliveira Andrade, Odilon Ribeiro Coutinho, José Inojosa de Andrade, Paulo Rodolfo Rangel Moreira, Alfredo Becker, José Gonçalves Pires Medeiros, Jorge Bartolomeu Carneiro da Cunha, Antônio Ribeiro Pessoa, Hélio Dantas, João Manoel Siqueira Arcoverde, Joel de Albuquerque Pontes, Gerson Romário dos Santos e Salviano Machado Filho. A fim de que fosse decretada a extinção da ação penal contra Demócrito de Souza Filho, também denunciado pela polícia pernambucana, foi exigida a juntada aos autos da certidão de óbito do mesmo.⁹ Na ocasião em que o promotor fez a denúncia também já falecera o acadêmico Gerson Romário dos Santos. Contra os demais denunciados o processo teve prosseguimento até ser arquivado em conseqüência da publicação do decreto em que Getúlio Vargas concedia anistia aos condenados e denunciados por crimes políticos e conexos. Assim, o ditador, no fim de sua administração, anistiava as vítimas e os algozes de sua política ditatorial.

Mas a luta prosseguiria e Gilberto continuaria a sua atuação na campanha política em favor da eleição do Brigadeiro Eduardo Gomes para a Presidência da República; aspirava-se não-somente à redemocratização do País, à volta ao sistema representativo de governo, mas também a uma evolução do liberal para o social, garantindo-se às massas, espoliadas nos seus direitos, e ascensão econômica e social, procurando fazer com que a democracia política que se instaurava fosse também uma democracia ética e social. A colaboração de Gilberto Freyre nos jornais de 1945 é muito rica e mostra quais os grandes problemas então discutidos e a posição que tinha o autor frente a outras ilustres figuras políticas e inte-

lectuais de Pernambuco e frente a correntes ideológicas, então muito ativas, como a católica, a socialista e a comunista. O equilíbrio das análises feitas pelo sociólogo de Apipucos merece ser fonte de estudo e reflexão ao se fazer hoje uma retrospectiva de sua posição como cientista social e como político.

A deterioração do Estado Novo foi se acentuando e nem a presença de Agamenon Magalhães no Ministério da Justiça conseguiu detê-la. O trigésimo dia da morte de Demócrito foi comemorado com grandes solenidades na Faculdade de Direito, quando foram recebidos três políticos de dimensão nacional — o Professor Valdemar Ferreira, da Universidade de São Paulo e líder da UDN, o escritor e político potiguar José Augusto, de formação popular e de tradição de luta contra a ditadura, e o então irrequieto jornalista Carlos Lacerda. Novas energias foram trazidas à comunidade pernambucana pelo acontecimento e mais uma vez Gilberto Freyre demonstrou a sua condição de líder do grupo de estudantes, fazendo convergir em torno do seu nome tanto grupos de centro como os sociais-democratas e socialistas. Ele seria, naturalmente, o candidato da juventude estudantil à Câmara dos Deputados.

Programadas as etapas da redemocratização, lançada a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República e composta a chapa da UDN para o Senado e a Câmara Federal, tiveram os estudantes, que haviam sido os pioneiros em Pernambuco, na luta contra o Estado Novo, o direito a indicar um candidato a Deputado e este foi, naturalmente, Gilberto Freyre, que eleito com expressiva votação, sobretudo no Recife, representou-os não só na Câmara dos Deputados, como nos trabalhos da Constituinte, de vez que o Congresso, que não fora eleito especificamente para elaborar uma Constituição, recebeu atribuições constitucionais.

Tivemos então a atuação destacada de Gilberto Freyre na Constituinte, procurando priorizar a problemática social frente aos problemas apenas jurídicos, defendidos por alguns constituintes, e levantando idéias e problemas profundamente comprometidos com a realidade brasileira. Sua passagem pela Constituinte está bem documentada no prefácio escrito pelo político e escritor paranaense, Bento Munhoz da Rocha, para o seu livro *Quase Política*, e em depoimento prestado pelo próprio Gilberto, em Ciclo de Conferências realizado pela Fundação Joaquim Nabuco, em 1986. Foi uma passagem marcante, demonstrando ter sido muito feliz a escolha que os jovens de 1945 fizeram ao elegê-lo seu representante.

5 — BIBLIOGRAFIA

- 1 DIARIO de Pernambuco, 14 de abril de 1945
- 2 O CONGRESSO Regionalista do Nordeste. *Diario de Pernambuco* de 24 de fevereiro de 1926
- 3 FREYRE, Gilberto e outros. *Novos Estudos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A., Editora, 1937
- 4 ATAÍDE, Tristão de. Gente do Norte em *Diario de Pernambuco*, 28-02-1936 e Olívio Montenegro em Uma Resposta ao Sr. Tristão de Atayde, *Diario de Pernambuco*, 01-03-1936.

- 5 LEITE, Ronildo Maia. Casa-Grande & Senzala. Há 52 anos, um livro agitava e causava polêmica no Recife. *Diário de Pernambuco*, 27-07-1957
- 6 DIÁRIO de Pernambuco de 20 de fevereiro de 1935.
- 7 Sobre o Governo Agamenon Magalhães é interessante consultar Dulce Pandolfi, *Pernambuco de Agamenon Magalhães*. Recife, Editora Massangana, 1984
- 8 MENEZES, Diogo de Melo. *Gilberto Freyre*, Rio de Janeiro, Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 182/192, 1944
- 9 DIÁRIO de Pernambuco, 01 de agosto de 1945

